

Dialética e hermenêutica no *Idiota da Família* de Sartre

Prof. Dr. Fabio Caprio Leite de Castro *

RESUMO: O presente artigo visa demonstrar a importância do método no *Idiota da Família*, obra sobre Flaubert que representa uma síntese do pensamento sartriano. A questão fundamental “O que podemos saber de um homem?” constitui a chave do texto. O método progressivo-regressivo é construído sobre este horizonte antropológico de sentido, afirmando a vocação da hermenêutica como compreensão do outro, associada a uma dialética crítica da história. *O Idiota da Família* visa compreender o projeto original de Flaubert e a relação do escritor com a sua época.

1. Introdução

A descrição da intencionalidade da consciência permitiu um avanço em direção à antropologia filosófica. Partindo de uma concepção de sentido para além da linguagem proposicional, a fenomenologia alcançou a descrição das vivências, o acesso à dimensão existencial do *cogito* e à temporalidade. O grande debate entre os fenomenólogos dá-se em torno dos conceitos fundamentais de ser, mundo, corpo, linguagem, consciência, tempo e alteridade. Um ponto aparentemente unânime entre os fenomenólogos reside na ideia de que o homem existe *em relação*, e as divergências começam a surgir quanto aos aspectos constituintes do seu modo de ser. Tais divergências remontam à base da fenomenologia husserliana e as suas consequências tornaram-se visíveis ao longo do último século, diante das inúmeras tentativas de buscar uma superação da fenomenologia ou de levá-la ao seu limite. Na ideia de que o homem existe *em relação*, o plano fenomenológico pode ser colocado inteiramente em suspenso, provocando um questionamento sobre as condições de possibilidade do ser do homem.

O pensamento de Sartre ocupa uma posição central nesse debate, na medida em que ele busca oferecer uma solução à antropologia filosófica sem romper totalmente com a fenomenologia. A posição sartriana pode ser caracterizada através de três paradigmas metodológicos nos quais o pensador francês operou progressivamente: a fenomenologia, a psicanálise existencial (oriunda da ontologia fenomenológica) e o método progressivo-regressivo. Em verdade, o pensamento sartriano passou ao longo do tempo por reformulações, mas não houve em todo o seu percurso uma ruptura que

* Professor convidado da VI Semana Acadêmica do PPG – Filosofia PUCRS. Contato: facaprio@hotmail.com.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3 -14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	----------

possa ser considerada como essencial. Um ponto de apoio para essa afirmação forma-se a partir de uma leitura do *Idiota da Família* como obra integradora dos três paradigmas mencionados.

O nome de Flaubert aparece com frequência nos textos de Sartre. No *Diário de uma Guerra Estranha*,¹ o pensador francês consagra um estudo à *Educação Sentimental*. No capítulo sobre a psicanálise existencial de *O Ser e o Nada*,² o caso “Flaubert” é utilizado para criticar toda psicologia que não considera o projeto individual do sujeito. Mais tarde, em *Questões de Método*,³ Sartre cita Flaubert para designar os momentos regressivo e progressivo do seu novo método.

O primeiro estudo sobre Flaubert foi escrito por Sartre entre 1954 e 1955.⁴ Em 1966, Sartre publica dois artigos sobre Flaubert na Revista *Les Temps Modernes*, “La conscience de classe chez Flaubert”⁵ et “Flaubert: du poète à l’artiste”.⁶ É em 1968 que Sartre decide recomeçar inteiramente o seu trabalho. Dos quatro volumes da obra monumental projetada por Sartre, contando ao total com quase 3.000 páginas, foram publicados os dois primeiros em 1971 e o terceiro em 1972. Em uma edição de 1988, foi incluído um anexo correspondente ao quarto volume incompleto, sobre *Madame Bovary*. *O Idiota da Família* é, sem dúvida, um dos principais escritos de Sartre e talvez o mais importante para um entendimento sintético do seu pensamento.

A questão colocada no prefácio do livro: “O que podemos saber de um homem?”⁷ atravessa todo o texto. Para Sartre, o homem é um universal singular: ao mesmo tempo em que ele é totalizado pela sua época, ele a retotaliza reproduzindo-se nela como singularidade. Em outros termos, o estudo de um homem exige um método apropriado que permita, de um lado, compreender a singularidade de seus projetos e, de outro, determinar os elementos objetivos da sua época. Ainda no prefácio, um segundo ponto merece destaque: a empatia é condição para a compreensão. Esta é a vocação da hermenêutica do outro, estar com, posicionar-se com. *O Idiota da Família* pode, portanto, ser lido como um convite à compreensão de Flaubert.

Para compreender o outro, iniciativa que se tornará igualmente central na moral sartriana, é fundamental que se busque uma intuição e descrição do seu projeto original, por meio da psicanálise, do mesmo modo que a relação dialética do sujeito com a sua época.

2. O sentido do projeto original de Gustave Flaubert

¹ SARTRE, Jean-Paul. *Carnets d’une drôle de guerre*, p. 304-308.

² SARTRE, Jean-Paul. *L’être et le néant*, p. 603 e seguintes.

³ SARTRE, Jean-Paul. *Questions de méthode*, p. 86-91.

⁴ PHILIPPE, Gilles. « L’Idiot de la Famille : Repères chronologiques ». *Recherches & Travaux*, nº 71 – *L’Idiot de la Famille* de Jean-Paul Sartre, 2007, p. 177-180.

⁵ SARTRE, Jean-Paul. « La conscience de classe chez Flaubert ». *Les Temps Modernes*, nº 240-241, 1966, p. 1921-2012 ; p. 2013-2153.

⁶ SARTRE, Jean-Paul. « Flaubert : Du poète à l’artiste ». *Les Temps Modernes*, nº 243-245, 1966, p. 197-253 ; p. 423- 481 ; p. 598-674.

⁷ SARTRE, Jean-Paul. *L’Idiot de la Famille*. Volume I, p. 7.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

A finalidade da psicanálise existencial é encontrar a intuição do sentido do projeto original do sujeito. Por meio da descrição e da comparação das suas condutas, ela visa estabelecer o sentido de sua totalização singular. Este sentido é captado através da compreensão em uma espécie de cumplicidade com o indivíduo mesmo. Os dois primeiros tomos do *Idiota da Família* são consagrados à vida de Flaubert e ao seu entorno. A partir dos escritos de juventude, das cartas e dos documentos da época, Sartre busca reconstruir a espiral dialética que caracteriza a totalização singular do escritor realista. A compreensão desde o interior de uma subjetividade se faz através da reconstituição da sua própria totalização aproximando os diferentes momentos que a definem.

Totalização não significa totalidade. A relação da consciência com o mundo se dá como um movimento aberto, jamais como uma totalidade. Em outros termos, o ser da consciência é atravessado pela temporalidade. A consciência somente é totalidade na tentativa (fadada ao fracasso) de se recuperar enquanto imagem do que ela é objetivamente para o outro. O estudo sobre o Flaubert distingue momentos essenciais da dialética do escritor com o mundo: um período de constituição, um período de personalização e a chamada “última espiral”. Em verdade, essa descrição pode servir como orientação para toda psicanálise, distinguindo na unidade da história do indivíduo diferentes momentos dialéticos interligados sobre um mesmo pano de fundo.

O período constitutivo é definido pela primeira infância de Gustave, ou seja, pela forma particular em que o filho recebeu os cuidados exagerados e sem afeto, bem como as reprovações na família Flaubert, o que veio a fundar para sempre a sua passividade constituída. O seu ressentimento em relação à mãe data dos seus primeiros anos, aquilo que Sartre chama de proto-história. Tal conceito é fundamental para compreender a constituição do indivíduo e até mesmo a semente da questão moral.⁸ Desde o nascimento e antes mesmo que o bebê saiba reconhecer o *outro*, ele tem a *necessidade* (*besoin*) de ser amado. No caso de Flaubert, uma superproteção escondia um abandono. A frustração não o afeta propriamente, ela o constitui.⁹ Esta é a origem da alienação da necessidade de ser amado de Flaubert. O sentimento de inferioridade e de submissão em relação ao pai virá mais tarde.

Sartre faz uma análise e depois a síntese das relações que o pequeno Gustave estabeleceu com os seus parentes, seu irmão e sua irmã. Essas descrições passam pelos problemas de alfabetização de Flaubert, o mal-amado, e pelas suas “bobeiras”. Depois do exame do período constitutivo, Sartre busca a compreensão da personalização do jovem Flaubert através das transformações da sua relação consigo, com a linguagem e com o imaginário, bem como através das novas relações que ele estabelece com o seu entorno e, sobretudo, com o seu amigo Alfred Le Poittevin. A personalização pode ser considerada como a passagem da passividade constituída a uma recuperação reflexiva pela

⁸ *Idem*, p. 142.

⁹ *Idem*, p. 136.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

consciência. Nesse movimento dialético, a criança descobre o poder do seu próprio olhar, descobre-se outro imaginário em relação a si mesmo – o *Garçon* Flaubert –, descobre-se Ator e depois Autor. Na personalização, em realidade não se escapa da constituição. Ao contrário, a todo momento Flaubert retorna à passividade constituída, aos mesmos pontos nodais, porém com diferentes graus de complexidade.

É na chamada “última espiral” que Sartre busca alcançar o duplo sentido da neurose subjetiva de Flaubert, simbolizada pela queda de Pont-l’Evêque e pelo desdobramento deste evento. Uma questão ainda em aberto entre os estudiosos de Flaubert diz respeito à sua doença, considerada por muitos como epilepsia. Na perspectiva da psicanálise existencial, é necessário buscar pela intuição o sentido do projeto original de Flaubert. Buscando essa compreensão, Sartre termina não aceitando o diagnóstico aplicado à doença de Flaubert e seguidamente afirmada pelos biógrafos.¹⁰ As “bobeiras”, a perda aparente de consciência e o “grande mal” foram diagnosticados à época como relacionados à epilepsia. Sartre, no entanto, vê nesses eventos a simbolização histórica. É necessário retomar a totalização vivida por Flaubert, destotalizada pelo ex-tase futuro, pelo incerto, para acompanhar a interpretação sartriana da queda de Pont-l’Evêque. Este evento singular e suas consequências possuem um duplo sentido, de uma resposta imediata, negativa e tática a uma urgência, e de uma estratégia positiva e uma conversão ao otimismo. Ambos estes sentidos se articulam no seio de uma mesma totalização.

O primeiro momento da análise é o da resposta imediata à situação, nos seus vários níveis de intenção. A ação passiva que caracteriza a escolha do imaginário por Flaubert e se manifesta nas relações com a sua família está na base da sua neurose. Para Sartre, a queda de Pont-l’Evêque e todas as suas consequências na vida de Flaubert significam uma resposta adaptada à sua situação familiar e social.

Em uma noite de janeiro de 1844, Gustavo e Achille (seu irmão mais velho, filho primogênito) retornam de Deauville onde eles tinham ido ver o chalé que pertencia à família. Próximo à Pont-l’Evêque, um condutor passa à direita da carroça e Gustave solta as rédeas, caindo aos pés do seu irmão, desmaiado. Segundo Sartre, não houve outro episódio no mês de janeiro, conforme a interpretação de Bruneau.¹¹ Trata-se de uma única ocasião em que Gustave consolida uma recusa total, mas passiva e consciente, do seu retorno à Paris (e à Faculdade de Direito).¹² O jovem Gustave não encontrava nenhum pretexto para retomar os seus engajamentos literários e rejeitar a sua vida de estudante em Paris. A sua doença aparece logo com uma conclusão da sua juventude e como um evento exterior a ele mesmo.¹³

¹⁰ SARTRE, Jean-Paul. *L’Idiot de la Famille*. Volume II, p. 1796.

¹¹ *Idem*, p. 1783.

¹² *Idem*, p. 1788.

¹³ *Idem*, p. 1809.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

O sentido imediato deste fechamento dialético da sua vida passada, como um evento externo, é que a neurose de Flaubert constitui uma resposta adaptada à situação de 1844, que decidiu para sempre o seu destino. Essa resposta possui vários níveis de intenção, onde cada um é mais profundo do que os demais, ao modo da boneca russa, que contém outras bonecas semelhantes e parecidas em proporção e simetria. Bornheim mostra a importante distinção entre conceito e noção em Sartre: o primeiro é científico, atemporal e afirmado em exterioridade; a segunda é, ao contrário, a definição pela interioridade, do que ele chama sujeito-objeto.¹⁴ Fazendo uma aproximação *nocional* do vivido flaubertiano, é possível decifrar as múltiplas camadas significativas formadoras de uma só totalização.

Conduzindo o cavalo, Flaubert é o agente prático contra a sua passividade constituída. Conduzir o cavalo, estudar o Código, é tudo o mesmo. Sartre percorre todas as intenções, desde a mais simples, de obediência ao pai, até a mais profunda, como uma resposta global à condensação da sua vida inteira em um curto momento. Mas o que representa o engajamento histórico, a neurose de Flaubert? A passividade absoluta não vem de forma alguma de fora, ela permanece sempre como uma tentação da atividade passiva que mergulha na contradição entre a necessidade da *praxis* e a passividade constituída do vivido.¹⁵ A queda é uma experiência mórbida, uma experiência histórica da morte.¹⁶ Ela permite a Gustave se colocar no estado de semi-sequestração ao qual ele tende, aceitando ser a vergonha da família.¹⁷ Esse novo estado pode ser definido como uma rejeição da temporalidade, como uma restauração de uma cena. Não se trata de uma pura inércia, mas de uma escolha do ser em si, de uma rejeição de realizar a vida como uma aventura, por medo que ela se torne um destino.¹⁸

O estado familiar em que se coloca Flaubert revela um outro sentido simbólico da queda como regressão. A doença o transforma em objeto. Mas se Flaubert se faz objeto é justamente para se tornar objeto de cuidados. É bem necessário que o pai e o irmão, os doutores Flaubert de Rouen, tentem curá-lo. De uma só vez, ele busca satisfazer seu ressentimento em relação a seu pai e a sua mãe. Os cuidados dos doutores Flaubert são recebidos rapidamente como os primeiros cuidados maternos.

A crise de Pont-l'Evêque significa, em profundidade, a decadência do pai simbólico, mas, também, a reconciliação com o pai (com quem Flaubert tinha verdadeira relação de adoração).¹⁹ O agente passivo só poderia realizá-la assassinando-se primeiro. Este é o tema da autopunição, tão

¹⁴ BORNHEIM, Gerd. *O Idiota e o espírito objetivo*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Uapê, 1998, p. 18.

¹⁵ SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la Famille*. Volume II, p. 1866.

¹⁶ *Idem*, p. 1851. « Ce qui veut dire qu'il a perdu la motricité ; il nous explique : ses yeux se sont fermés, il ne pouvait ni parler ni faire un geste ; on dirait d'une contracture hystérique généralisée. Pas la moindre convulsion pendant les dix premières minutes : l'organisme mime l'immobilité du cadavre. Ce qui compte avant tout, c'est que cette paralysie est vécue comme rupture de communication. L'important, pour lui – il nous le révèle en y revenant près de dix ans plus tard –, c'est que 'pendant dix minutes son frère l'a cru mort' .»

¹⁷ *Idem*, p. 1872.

¹⁸ *Idem*, p. 1885.

¹⁹ SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Sartre e a psicologia clínica*, p. 263.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

presente nos escritos de juventude de Flaubert.²⁰ Mas Gustave não morre. Ele acaba se ocupando da família e das questões familiares. Ele se lança na ação e é precisamente essa ação que lhe permite escrever seus livros, mesmo que através de uma atividade passiva.

Nesse ponto, Sartre passa ao segundo momento da análise da “última espiral”, com base no que ele chama de “quem perde ganha”, jogo em que se fracassa para ganhar. Além do sentido imediato, negativo, de uma adaptação à circunstância, a queda de Pont-l’Evêque manifesta igualmente um otimismo, no sentido do projeto original de ser um escritor. Sartre aborda este otimismo em duas fases distintas: em 1844, como uma reinvenção da arte de escrever, e entre 1845 e 1847, como uma espera passiva da inspiração.

Alguns meses depois da crise de 1844, Gustave retoma e conclui a *Educação sentimental*.²¹ Sartre vê nesse romance uma tentativa de Flaubert para se restabelecer da sua crise. A amplificação gradual do papel de Jules até se transformar na personagem principal do livro, bem como a aventura particular por meio da qual ele alcança a genialidade através do fracasso absoluto, não resultam de um acaso, mas de uma intenção profunda de Flaubert.²² A tarefa da análise sartriana consiste em retomar este primeiro movimento que dura até janeiro de 1845, ou seja, até o acabamento da *Educação Sentimental*, a fim de compreender a ligação entre a neurose subjetiva e a obra escrita de Flaubert. Chegamos aqui ao plano da imaginarização, conceito criado por Sartre para referir o ato do escritor que se imaginariza ao mesmo tempo em que ele cria o objeto imaginário (o romance). Esta imaginarização exigiu de Flaubert a criação de novas técnicas. O escritor realista buscava imaginar o ser por uma espécie de absentismo pitiático e tomar o ponto de vista do absoluto, fazendo-se ele mesmo imaginário.²³

Flaubert suspende seu tormento – mas não a sua causa –, adotando esta atitude estética irrealizante. A contradição fundamental do Realismo é que nenhuma realidade inspira o escritor, já que ele é um homem orientado pelo irreal. O realismo pós-romântico se orienta por uma atitude estética em forma de atividade passiva. A desrealização da experiência do escritor remonta à imaginarização da linguagem. A escolha de Flaubert remonta sem cessar a sua infância problemática, à aprendizagem truncada do alfabeto, à incomunicabilidade do vivido. “A revolução flaubertiana vem de que este escritor, desafiando a linguagem desde a infância, começa, ao contrário dos clássicos, por colocar o princípio da não-comunicabilidade do vivido”.²⁴

²⁰ SARTRE, Jean-Paul. *L’Idiot de la Famille*. Volume II, p. 1900. Cf. FLAUBERT, Gustave. *Écrits de jeunesse. La Peste à Florence*, 81-96 ; *Quidquid volueris*, 139-174 ; *Passion et Vertu*, p. 175-208.

²¹ Obra longamente analisada por Bourdieu para estabelecer o “campo de poder”, os acidentes, desvios e diferentes espaços sociais colocados em relevo por Flaubert. (BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l’art – Genèse et structure du champ littéraire*, p. 19-81).

²² SARTRE, Jean-Paul. *L’Idiot de la Famille*. Volume II, p. 1935.

²³ KNEE, Philip. *Qui perd gagne – Essai sur Sartre*. Sainte-Foy, Université Laval, 1993, p. 44.

²⁴ SARTRE, Jean-Paul. *L’Idiot de la Famille*. Volume II, p. 1998.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Podemos compreender como um primeiro resultado positivo da crise, visualizado como fundamento do “quem perde ganha” flaubertiano, esta tentativa de recuperação da neurose que não se encerra apenas no passado, mas se projeta no futuro por meio de uma nova atitude estética. Este movimento leva Gustave a suspender provisoriamente seu tormento e a reinventar a arte de escrever, pela radicalização da imaginarização, ao ponto de se transformar inteiramente em sujeito imaginário. Ele dissimula dessa forma o fato neurótico, racionaliza e universaliza por meio da escritura a sua experiência inefável, que se manifesta na sua narrativa, apesar dele. Tal é o sentido do “quem perde ganha” na primeira *Educação Sentimental*: “Se eu perco sobre o quadro do real, eu ganho, por via de consequência direta, sobre aquele da irrealidade”.²⁵ Produz-se assim uma inversão dialética onde o fracasso radical do homem se transforma em vitória do Artista. Mas isso é apenas o sentido racionalizado do “quem perde ganha”. A análise que Sartre efetuou dos períodos posteriores a 1844 desvela o sentido real da estratégia positiva de Flaubert.

Depois da conclusão da *Educação Sentimental*, em janeiro de 1845, Flaubert permanece um longo tempo sem escrever. Durante aproximadamente trinta e dois meses ele não produz nada, salvo os “roteiros” de um conto oriental que ele esboçou e abandonou. Sartre empreende uma investigação sobre as razões de tal esterilidade súbita a fim de compreender esta conduta de fracasso a partir do “quem perde ganha”.

Longe de anular a sua estratégia positiva, a esterilidade, o “miserabilismo” estudado e a lentidão da obra a compõem. Eles conservam e superam o “quem perde ganha” racionalizado pela realidade desrealizada. A partir de 1845, Flaubert descobre que a sua doença constitui uma conversão. Ele encarna o objeto da sua totalização em exterioridade pela ascese imaginária: a equivalência absoluta do ser e do não ser. No final desta ascese, ele se esvaziou completamente de si, a sua própria existência não pode mais ser alcançada senão pela imaginação. Ele se torna assim o “Senhor das imagens”.²⁶

Para se tornar totalmente vazio e imaginário, foi necessário um longo trabalho: este é o sentido profundo da obra lenta. Ele mergulhou nas suas leituras e trabalhos: a vocação de escritor se manifestou como uma vocação de leitor. E mesmo esta atividade foi em Flaubert, com efeito, uma atividade passiva. Em verdade, ele não “estuda” nada, nem a técnica, nem a composição do texto.

²⁵ *Idem*, p. 2022.

²⁶ *Idem*, p. 2089. « Ici, le centre d'irréalisation n'est plus un objet extérieur et réel, c'est lui-même, et l'irréalisation est au deuxième degré puisque l'identification de l'être au néant (abolition du réel) et du néant à l'être (substantification de l'apparence) n'est point donnée comme un résultat (un poème, une statue) mais est elle-même l'objet d'une illusion consciente : il n'est pas ce 'brahme' qu'il dit être ; il s'irréalise en lui, autrement dit, il rêve qu'il entre dans l'idée. De ce point de vue, on pourrait dire que ce rêve d'être le néant de l'être et l'être du néant représente le degré zéro de l'imagination ou, si l'on veut, l'imagination dans sa parfaite nudité, c'est-à-dire se manifestant *sans production d'images* en actualisant sa simple structure ontologique : on sait qu'elle est arrachement à l'être vers une absence dont elle pose tout ensemble l'être et le néant. » (*Idem*, p. 2065).

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

Apenas retoma os mesmos trechos de textos escolhidos sem se preocupar em associá-los ao conjunto de onde eles são extraídos. Para Sartre, esse é o tipo mesmo da ação passiva.²⁷

Este desvio temporário da obra para os “trabalhos” que preparavam a sua ascese em direção ao vazio absoluto de si foi uma conduta de fracasso. Flaubert sonhava em ser um grande autor, ao mesmo tempo em que ele não escrevia nada. Assim, a atividade passiva se manifestava na sua atividade literária: Flaubert lia *para* não escrever.²⁸ E mesmo as suas leituras tinham o traço de uma força de inércia interiorizada. A mesma conduta de impotência é claramente repetida mais tarde, durante a redação de *Madame Bovary* (de 1851 a 1856) e de *Salammbô* (por volta de 1857), o que pode ser notado através das cartas de Flaubert nos volumes II e III da sua *Correspondência*.²⁹ O trabalho paciente, a ideia de uma obra lenta, a recusa da inspiração romântica, o sentimento de vazio e de esterilidade, tudo isso faz parte de uma atitude estética que não é apenas de Flaubert, nós veremos em seguida.

Se nós tentamos compreender em uma intuição sintética o conjunto das enormes análises feitas por Sartre, é necessário levar em conta os dois movimentos dialéticos que a crise de 1844 produz em Flaubert: uma resposta imediata a uma situação e uma estratégia positiva. Trata-se de um evento marcado pela pluralidade de sentidos, relacionado ao passado e ao futuro, à situação familiar e histórica, ao escritor e a sua obra. A hermenêutica da queda de Flaubert como resposta imediata nos revela um conjunto de camadas significantes relativamente autônomas e ligadas dialeticamente ao modo de uma condensação de toda a sua vida passada. Por outro lado, se nós consideramos o mesmo evento sob a perspectiva do projeto que ele anuncia e as suas situações ulteriores, ele nos desvela o “quem perde ganha” flaubertiano.

3. O escritor e sua época

O Idiota da Família constitui ao mesmo tempo uma tentativa de compreender um homem e o lugar de concretização do método que torna possível essa compreensão. Os dois primeiros tomos do *Idiota da Família* compõem um estudo sobre Flaubert no seu entorno, procurando os meios de compreender o escritor desde seu interior. Sartre opera uma passagem da obra à vida por regressão e da vida à obra por progressão. O terceiro volume e o que constituiria o quarto volume colocam a questão das determinações do contexto histórico e da relação objetiva de Flaubert a esta realidade. O uso do método progressivo-regressivo alcança a inteligibilidade dialética da relação entre a história do indivíduo e das circunstâncias objetivas onde o indivíduo realiza esta história. Nesse sentido, a questão

²⁷ *Idem*, p. 2054.

²⁸ *Idem*, p. 2055.

²⁹ FLAUBERT, Gustave. *Correspondance, II (1851 – 1858)*; FLAUBERT, Gustave. *Correspondance, III (1859 – 1868)*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

histórica remonta ao problema fundamental colocado na *Crítica da Razão dialética*: o homem faz a história ao mesmo tempo em que ele a suporta. A fim de abordar o duplo movimento do indivíduo em direção às suas circunstâncias objetivas e destas em direção ao indivíduo, Sartre promove uma análise do espírito objetivo e da neurose objetiva da época.

O espírito objetivo não é uma totalidade distinta ou destacada dos indivíduos ou uma espécie de meta-sujeito, hipótese totalmente contraditória com o pensamento de Sartre. Como escreve Rizk, a neurose objetiva remonta às subjetividades que vivem em uma conjuntura.³⁰ De fato, quando Sartre fala de espírito objetivo, trata-se de uma realidade concreta produzida pelo conjunto de totalizações singulares. Somente o espírito objetivo que se situa no passado pode ter o sentido inteiramente desvelado, pois nesse caso se trata de uma totalidade. Na atualidade em totalização, uma parte objetiva sempre escapa à análise. Isso explicaria o fato de que nós podemos visualizar o espírito objetivo do pós-romantismo, mas não inteiramente um movimento contemporâneo. O espírito objetivo é estudado no *Idiota da Família* enquanto relação do escritor pós-romântico ao seu público no século XIX. A unidade do espírito objetivo em formação é resultante da atividade de um conjunto de indivíduos, cuja face de objeto social é representada pelo *livro*. Nesse sentido, o espírito objetivo é a cultura enquanto pratico-inerte, apresentando-se a cada um, mesmo na literatura, como um imperativo.³¹ A cada época, a materialização do espírito objetivo se manifesta aos leitores pela contiguidade de obras – e imperativos – de todas as épocas. As teses e antíteses de períodos diferentes se reúnem de forma explosiva, exigindo da totalização em curso uma operação sintética. “A literatura de uma época é a época digerida pela sua literatura”.³² No bojo da literatura nós encontramos as pistas para a determinação do espírito objetivo de uma época.

A chave de compreensão do espírito objetivo pós-romântico é a neurose objetiva da época, que não é nem um significado inscrito objetivamente na materialidade, nem o resultado de uma pura subjetividade. De um lado, a objetividade dos livros nos remete ao escritor e ao seu público. De outro lado, a neurose objetiva não se identifica com as neuroses subjetivas, ela resulta de uma unificação das totalizações particulares.³³ A neurose objetiva é a neurose subjetiva, como uma ultrapassagem por sua vez ultrapassada pelas totalizações particulares. Esta pluralidade pode ser retomada a partir dos

³⁰ SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la Famille*. Volume III, p. 254. « Certes, la névrose dite objective est la névrose d'une époque mais l'époque, quant à elle, n'est rien d'autre qu'une configuration singulière du réel, des circonstances, du résultat des actions antérieures et de la multiplicité des subjectivités individuelles qui vivent la conjoncture comme l'inassumable qu'elles ont à assumer. »

³¹ *Idem*, p. 54.

³² SARTRE, Jean-Paul. « Les écrivains en personne ». *Situations, IX*, p. 15. « Si la littérature n'est pas *tout*, elle ne vaut pas une heure de peine. C'est cela que je veux dire par 'engagement'. Elle sèche sur pied si vous la réduisez à l'innocence, à des chansons. Si chaque phrase écrite ne résonne pas à tous les niveaux de l'homme et de la société, elle ne signifie rien. »

³³ RIZK, Hadi. « Flaubert : individu et totalisation – *L'Idiot de la famille*, tome 3 », p. 254.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

escritores de uma época (segunda metade do século XIX), reconstituindo-se a relação entre os escritores e o público.

Um movimento gerado pela nobreza romântica entre 1789 e 1815 inverte os imperativos da literatura. O poder de tudo dizer torna-se “o poder de dizer o todo”.³⁴ O movimento romântico, apoiado pela nobreza e pelo otimismo da inspiração contradiz a razão mecânica e o atomismo analítico. Coagidos por esta contradição entre a razão e os valores da nobreza, os pós-românticos encontram uma saída na arte-absoluta. Para Sartre, o espírito objetivo somente se volta para a arte do fracasso após os eventos políticos de 1848. Neste ano, o otimismo romântico se transforma em pessimismo absoluto. O escritor passa a querer eliminar a sua relação com o público. A “cavalaria” de uma literatura mística e nobre se torna o niilismo dos “cavaleiros do nada”. Todavia, a relação de cada autor na virada pós-romântica varia segundo cada totalização particular. Dessa forma, Sartre interpreta os acontecimentos na vida de Gustave em 1844 como “proféticos” e vê, na obra do chefe do parnasianismo, Leconte de Lisle, ao contrário, o fruto da Revolução fracassada.

Um evento histórico faz explodir o romantismo. Alguns autores tiram daí um sentimento de fracasso, enquanto outros já viviam o fracasso em um modo pessoal, no seio da mesma sociedade. A originalidade de Flaubert está no fato de que ele vivia o fracasso pessoal (neurose subjetiva) antes do nascimento do pós-romantismo (ao qual ele mesmo contribuiu) após o fracasso social de 1848, fundador de uma neurose objetiva. A criação da obra do pai do realismo torna-se inteligível pela razão dialética.

Passemos ao problema da neurose objetiva. Como os pós-românticos puderam encontrar uma solução literária ao impasse histórico vivido? O artista pós-romântico tenta sublimar o fracasso do homem, de si (como artista) e da obra. A neurose objetiva se funda sobre o sentimento radical do fracasso e sobre o niilismo absoluto. Entre eles, os artistas representam um papel neurótico e o seu fracasso é consentido. Era necessário rejeitar de uma só vez a inspiração romântica (guardando o ambiente de uma aristocracia da arte) e o público imaginário (embora o público burguês, o seu público real, fosse mais denso do que aquele de uma aristocracia romântica).

A neurose objetiva do pós-romantismo, fundada sobre o fracasso histórico vivido, reunia uma série de ideias e de sentimentos sustentados por uma intuição sincrética: misantropia, desengajamento, autonomia literária e niilismo.³⁵ O sentido da misantropia, dissolvendo todas as classes na universalidade do mal, era deixar intacta a ordem social. Sartre a caracteriza, assim, como uma desviação da realidade. Esta desviação é ela mesma um desengajamento, apoiado sobre o fato de que não há causas justas: tudo cai na malignidade. Ao mesmo tempo, era necessário reivindicar a autonomia da literatura, desta vez, sem se trair em nome de ideais políticos, como foi o caso do séc.

³⁴ SARTRE, Jean-Paul. *L'Idiot de la Famille*. Volume III, p. 114.

³⁵ *Idem*, p. 408.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

XVIII, mas como uma rejeição absoluta: “A autonomia se revelava pela rejeição dos fins humanos – rejeição das necessidades e do corpo, rejeição da ambição, rejeição do público, rejeição da espontaneidade em nome da impassibilidade, e da inspiração em nome do trabalho.”³⁶ O niilismo, resultando do não-ser do real, é a consequência da extrapolação hiperbólica que chega a uma valorização obsessiva do imaginário em vista da produção de uma obra bela. Todas essas características se encontram igualmente em Flaubert. A sua peculiaridade em relação a outros autores do período está no modo como ele se relacionou com a época, em outros termos, a relação entre a temporalização individual e a temporalização histórica.

O mal-estar de 1848 produziu uma visão pessimista da história, uma renúncia à ação política e uma hibernação dos escritores. Esse pessimismo histórico é o fruto de uma época. Em certos períodos, a dimensão histórica é ignorada; ou ela existe, mas sob a forma de uma determinação divina; ou, ainda, ela é vivida com otimismo. Em Flaubert, particularmente na *Madame Bovary*, a ideia implícita de um tempo engolido pela eternidade, de uma atemporalidade da natureza humana, revela o espírito objetivo da época. Mas, justamente, retirando-se as precauções e os véus, a obra flaubertiana revela sua própria neurose como um processo temporal. A arte-fracasso e o “quem perde ganha” conjugam um mesmo processo.

Em Gustave, a ligação expressiva com a história é real na sua diacronia, de maneira que o passado coletivo e aquele do escritor realista não se distinguem em nada e um mesmo futuro se aclara por uma mesma *maldição original*. Flaubert não constitui uma ilustração sincrônica dos eventos (como talvez tenha sido Leconte de Lisle, na concepção de Sartre), ele corresponde a uma encarnação real do macrocosmo. As relações entre a totalização individual e a totalização histórica, seja como sincronia, seja como diacronia, são estabelecidas por condicionamentos e determinações de sentido, cujo fundo comum é a finitude. Há finitude de um período histórico tanto quanto de uma totalização individual, de maneira que esta pode incarnar a finitude daquela. Cada indivíduo se relaciona à totalização histórica como um significante-significado ou como um significado-significante, na medida em que eles fazem parte da época e que esta é presente em cada um.

4. Conclusão

A questão colocada no prefácio do *Idiota da Família*: “O que podemos saber de um homem?” é respondida por Sartre através da construção de um método que se aplica na medida em que ele se

³⁶ *Ibidem*.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – Nº. 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	---------------	---------------	---------

constrói. O método progressivo-regressivo é o que permite ao filósofo francês empreender o seu estudo sob Flaubert a partir de uma interpretação da obra e da vida de Flaubert, ao mesmo tempo em que ele procura estabelecer a inteligibilidade do vivido flaubertiano como significante-significado da época pós-romântica.

O Idiota da Família fecha o ciclo da obra sartriana e representa uma síntese do seu pensamento, a possibilidade de se pensar o homem como um universal singular. Nesta obra podemos encontrar uma investigação sobre a vocação da hermenêutica como compreensão do outro associada a uma dialética crítica da história.

Referências bibliográficas

- BORNHEIM, Gerd. *O Idiota e o espírito objetivo*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Uapê, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art – Genèse et structure du champ littéraire*. Paris, Seuil, 1992.
- FLAUBERT, Gustave. *Correspondance, II (1851 – 1858)*. Paris : Gallimard, 1980.
- _____. *Correspondance, III (1859 – 1868)*. Paris : Gallimard, 1991.
- _____. *Écrits de jeunesse*. Lausanne, Rencontre, 1964.
- KNEE, Philip. *Qui perd gagne – Essai sur Sartre*. Sainte-Foy : Université Laval, 1993.
- PHILIPPE, Gilles. « L'Idiot de la Famille : Repères chronologiques ». *Recherches & Travaux*, n° 71 – *L'Idiot de la Famille* de Jean-Paul Sartre, 2007, p. 177-180.
- RIZK, Hadi. « Flaubert : individu et totalisation – *L'Idiot de la famille*, tome 3 », p. 249-263.
- SARTRE, Jean, Paul. *Critique de la Raison dialectique*. Tome I – *Théorie des ensembles pratiques*, précédé de *Questions de méthode*. Paris : Gallimard, 1960.
- _____. « Flaubert : Du poète à l'artiste ». *Les Temps Modernes*, n° 243-245, 1966, p. 197-253 ; p. 423- 481 ; p. 598-674.
- _____. « La conscience de classe chez Flaubert ». *Les Temps Modernes*, n° 240-241, 1966, p. 1921-2012 ; p. 2013-2153.
- _____. *Situations, IX – Mélanges*. Paris : Gallimard, 1972.
- _____. *Carnets d'une drôle de guerre* (Septembre 1939 – Mars 1940). Paris : Gallimard, 1995.
- _____. *L'être et le néant*. Paris : Gallimard, 1943.
- _____. *L'Idiot de la Famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Volume I. Paris : Gallimard, 1988 (1971).
- _____. *L'Idiot de la Famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Volume II. Paris : Gallimard, 1988 (1971).
- _____. *L'Idiot de la Famille – Gustave Flaubert de 1821 à 1857*. Volume III. Paris : Gallimard, 1988 (1972).
- SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. *Sartre e a psicologia clínica*. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

<i>intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	Vol.4 – N° 1	Julho 2011	p. 3-14
-----------------	-------------------	--------------	--------------	---------------	---------